



Massa Crítica

Luís Marques
l.s.marques@sapo.pt

E SE O BRASIL DER CERTO?

1 Números oficiais divulgados no final da passada semana revelam que a criminalidade no Rio de Janeiro baixou em janeiro, pela primeira vez nos últimos anos. Informações não confirmadas oficialmente dão conta que o mesmo terá ocorrido em São Paulo. Nesta cidade, com cerca de 20 milhões de habitantes e que representa à volta de 60% da economia brasileira, 80 líderes de redes criminosas foram presos, numa das várias operações policiais desencadeadas nos últimos dias. O Brasil continua a ferro e fogo, mas agora, tudo o indica, as autoridades tomaram a iniciativa no combate à criminalidade.

Há uma guerra civil, surda e suja, que instalou um terrível vírus na sociedade brasileira. Esse vírus chama-se medo e é, em larga medida, responsável pela eleição de um presidente tão bizarro e perigoso como é Jair Bolsonaro. Enfrentar a criminalidade, combatê-la e, pelo menos, reduzi-la é uma questão de sobrevivência, em sentido literal (no Estado do Natal, por exemplo, há cerca de 100 assassinios por mês). Sobrevivência individual, da coesão social e até

da economia. Há uma sensação de otimismo no cidadão comum, como pode comprovar nas duas últimas semanas.

2 Outro motivo de algum otimismo, mais moderado, são as previsões económicas. Todos os principais analistas apontam para um crescimento real da economia na ordem dos 2% -2,5% do PIB, com a inflação controlada na casa dos 4% e com a estabilização da taxa de câmbio face ao dólar (3,70-3,90 reais). Um vasto conjunto de reformas estão a ser apresentadas pelo governo, a mais importante das quais é a reforma da previdência, que pretende atacar um dos principais cancro das finanças públicas e uma fonte de privilégios para a oligarquia instalada.

O Governo, que já tinha o controlo da Câmara, ganhou também a presidência do Senado, derrotando a candidatura de Renan Calheiros, um representante da elite corrupta, ele próprio acusado de vários crimes de corrupção e lavagem de dinheiro. Na política brasileira nada está garantido, mas a profunda renovação da classe política saída das últimas eleições alimenta algum otimismo na aprovação da agenda reformista.

3 Nesta agenda inclui-se um ambicioso plano de privatizações. O Brasil tem cerca de 400 empresas públicas, das quais 138 são controladas diretamente pelo Estado Federal. Destas, o governo pretende privatizar 135, ficando apenas com a Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa, com um encaixe previsto de 20 mil milhões de dólares. É neste vastíssimo sector público que assenta o poder da oligarquia corrupta brasileira. Desmantelar esse poder é uma condição importante, embora não a única, para que o Brasil dê certo. E, contra muitas previsões pessimistas, pode dar.